

Cruz e Souza, o poeta do Desterro

por Carla Dórea Bartz

O catarinense Sylvio Back escolheu como tema de seu novo filme um personagem de sua terra natal: o poeta simbolista Cruz e Sousa, nascido na Ilha do Desterro (hoje, Florianópolis). Para contar sua história, Back optou por unir linguagem cinematográfica e poesia através de uma narrativa que se mantém linear em termos biográficos, porém, com a ousadia de usar os poemas como texto.

O resultado é um filme com belas imagens, que emolduram a força dos versos do poeta em representações distantes do naturalismo do cinema tradicional, e que lembra outros filmes como os recentes *Bocage, o Triunfo do Amor* e *Um Copo de Cólera*, nos quais os criadores também escolheram o caminho arriscado de

manter o texto original - seja a poesia ou a prosa.

Num debate promovido no Cinesesc em São Paulo, no dia 13 de maio, Back esclareceu sua opção estética. Com um roteiro com apenas 50 páginas, o cineasta desde o início procurou ser reverente à poesia de Cruz e Sousa. "Não subordinei a imagem à palavra ou a palavra à imagem", afirmou. "Procurei fechar o filme. Para mim, o cinema deve mostrar cada vez menos e, assim, estimular a imaginação do espectador." Assim, seu filme segue de maneira ambígua, como ele mesmo define,

sem se prender a questões temporais, num ritmo lento e teatral, que obriga o espectador a preencher as lacunas que vão se abrindo no decorrer da narrativa.

Um dos grandes méritos do filme de Back é apontar de maneira comovente a luta de Cruz e Sousa contra a exclusão e o racismo e, ao mesmo tempo, reverenciar a cultura afro-brasileira através de rituais do candomblé, canto iorubá e o apoteótico final com uma escola de samba. Talvez o único senão neste ponto seja a cena em que os amigos do poeta fazem uma chacota a Machado de Assis. É uma referência direta à criação da Academia Brasileira de Letras, para a qual Cruz e Sousa teve seu nome cogitado, porém negado. As leituras de Machado hoje não justificam o retrato que o filme faz dele.

Porém, o mais interessante na análise do filme de Back é o paradoxo criado pelo uso do poema simbolista atrelado à imagem. De todos os movimentos literários, o simbolismo parece ser



A voz velada de um poeta excluído

A vida de João da Cruz e Sousa foi marcada pela doença, pela miséria e pela exclusão. Nascido em 1861, era filho de escravos que trabalhavam na casa de um marechal-de-campo, com quem passou a viver como filho de criação. Iniciou seus estudos e os primeiros versos, ainda jovem. A infância protegida não foi o suficiente para evitar as decepções com as imposições do meio social em que vivia. Mudando-se para o Rio de Janeiro, publica seus primeiros livros *Missal* e *Broquéis* que são muito mal recebidos pela crítica de notáveis na época como José Veríssimo e Araripe Jr. Casa-se, em 1893, com Gavita Rosa Gonçalves com quem tem quatro filhos. Em 1989, acometido de tuberculose, morre em Sítio, Minas Gerais. Postumamente, são publicados outros três livros: *Evocações*, *Faróis* e *Últimos Sonetos*.

Cruz e Sousa, apesar de ser aclamado hoje como um dos maiores poetas em língua portuguesa, ainda é um dos menos conhecidos. Isso porque, além de ser negro, ousou desafiar a ordem dominante na poética vigente então, introduzindo no Brasil, juntamente com um grupo pequeno e fiel de amigos, o **simbolismo**, movimento estético originário da França com poetas como Mallarmé, Baudelaire e Paul Verlaine.

aquele que menos se presta a uma abordagem como esta. Trata-se de uma poesia que busca o inefável, que evoca emoções através da construção de imagens sem nenhuma relação entre si, que trabalha a musicalidade da palavra, através de temas sublimes e vocabulário rebuscado.

A partir do momento que o cineasta utiliza o poema atrelado à imagem, ele cristaliza a sua leitura, rompendo com

A busca de uma estética que não seja comercial, coisa sempre válida porque o cinema não pode ser limitado a receitas, não foi suficiente para abranger a complexidade da obra do poeta catarinense. A questão do simbolismo é essencial para a compreensão de sua arte. Ao dizer que “não subordinou a palavra à imagem ou a imagem à palavra”, Sylvio esqueceu que o poder da imagem sobre o

**Ó meu verso, ó meu verso,
ó meu orgulho,
Meu tormento e meu vinho,
Minha sagrada embriaguez
e arrulho
De aves formando ninho.**
(Cruz e Souza, “Esquecimento” in:
Faróis)

aquilo que é o cerne dessa estética. Os poemas de Cruz e Sousa no filme contam a história de sua vida, mas eles não foram escritos para serem autobiográficos. Ao contrário, o poeta era bastante consciente dos caminhos que seguia e por isso pagou caro. Uma cena exemplar é a da noite de amor entre o poeta e sua esposa, que é belamente interpretada pelo casal protagonista, Kadu Monteiro e Maria Ceixa. Apesar da cinematografia excelente, a sensação final é a de que os atores declamaram poemas românticos. E de romântico Cruz e Sousa não tinha nada.

texto acaba por determiná-lo e subjugá-lo, criando interpretações cristalizadas. As imagens se tornam referenciais demais e os poemas deixam de apresentar o mistério, a evocação, a sugestão, o enigma; efeitos estes que são o resultado do trabalho duro do poeta sobre a palavra.

O filme acaba sendo um interessante exemplo do limite que a linguagem cinematográfica pode ter diante do texto escrito, se as características de ambos não forem cuidadosamente levadas em consideração.